

O MAR NA POESIA DE FERNANDO PESSOA

João Décio

INTRODUÇÃO

O trabalho que ora apresentamos visa a introduzir alguns aspectos acêrca do mar e dos elementos marítimos em Fernando Pessoa, com tendência a interpretar, nunca explicar, essa facêta do poeta português.

Em primeiro lugar, é preciso dizer-se que o poeta, em seu nome próprio e em seus heterônimos oferece uma complexidade para a análise e a crítica literária, as quais se vêem com grande dificuldade, na arremetida contra êste complexo mental, que foi o autor da **Mensagem**.

Longe de esgotar o assunto, aliás inesgotável, como tudo o mais no artista, nossa intenção é tão-sòmente tentar abrir algumas veredas, em busca do problema, não tanto para solucioná-lo (o encargo é demais pesado), mas antes para sugerir-lo e, na medida do possível, interpretá-lo.

A dificuldade cresce, quando temos em vista, não só a complexidade da obra, como a presença dos heterônimos, a criar embaraços de tôda ordem ao estudioso da literatura, em particular, da poesia. Especialmente quando nos pomos diante da poesia, sincera ou não de Fernando Pessoa, o problema avulta, dado que, embora estejamos diante de quatro poetas, êles apresentam uma certa unidade, como iremos ver, unidade poética, frisamos, constituindo-se em direções distintas de uma mesma raiz poética.

A emprêsa portanto é arriscada, mas arriscam-se todos aquêles que se põem a analisar a obra do multifacetado poeta.

Nossa intenção, quanto ao poeta e seus heterônimos é analisar a presença do mar em sua obra e vamos tentar fazê-lo,

na certeza de que, por mais que se diga, muitíssimo mais ficará a dizer-se quanto ao assunto.

O MAR, ELEMENTO POÉTICO EM FERNANDO PESSOA E SEUS HETERÔNIMOS

A análise do mar e dos elementos a êle ligados, em primeiro lugar, deve ser colocada em termos de confronto com as diversas tendências de Fernando Pessoa — Êle — mesmo e seus heterônimos, especialmente Alvaro de Campos e Ricardo Reis, especialmente quanto aos dois primeiros, onde avultam o interseccionismo, o paulismo e o sensacionismo. Em segundo lugar, deve-se considerar o gênero da poesia, já que o poeta lírico, dramático, épico, andam a se misturar na obra. Muito embora o poeta tenha afirmado que sua poesia seja fundamentalmente dramática:

“O que sou e essencialmente — por trás das máscaras involuntárias do poeta, do raciocinador do que mais haja é dramaturgo” (1)

Concordamos em que realizou poesia dramática em geral, num aspecto mais dominantemente forma que conteúdo. Isto dizemos porque, no sentido geral de sua poesia há um constante diálogo do “eu” com o “não-eu”, em verdadeiro aspecto de drama.

Em terceiro lugar o elemento marítimo há que ser observado, tendo em vista o aspecto cultural-artístico de que se pode destacar, de um lado, o sentido histórico (particularmente na *Mensagem*), de outro o sentido estético por excelência no *Cancioneiro* de Fernando Pessoa — Êle mesmo e em Alvaro de Campos, já que incidentalmente ocorre a presença do mar em Ricardo Reis e quase não ocorre em Alberto Caeiro.

Em quarto e último lugar, o elemento marítimo há que ser colocado em termos de momento cultural, na literatura portuguesa, com tendência a explicar a geração literária a que pertenceu Fernando Pessoa.

(1) — Pessoa, Fernando — *Páginas de Doutrina Estética*, p. 275.

Feito isso pode tentar-se uma análise e uma valorização crítica do mar, de todos os modos, elemento importantíssimo como veremos, em Fernando Pessoa.

Acrescente-se ao que afirmamos anteriormente o problema da sinceridade no poeta, tema que tem provocado os mais variados pareceres, para se aferir da problemática constituída por tôda a obra de Fernando Pessoa e seus heterônimos.

Na poesia de Fernando Pessoa — Ele mesmo, há que se buscar os elementos marítimos, especialmente na tendência interseccionista e em outras, esparsamente. No interseccionismo há um destaque evidente para duas poesias, “Hora Absurda” e “Chuva Oblíqua”. Na **Mensagem** o mar é apresentado como revalorização histórico-cultural de Portugal, numa visão sebastianista e nacionalista pelos seus temas, o mar português, os heróis, as quinas, etc. Lá estão as mais expressivas figuras da nacionalidade portuguesa. Uma revalorização em termos de modernidade épica, dada a análise fria e desconcertante do miserável Portugal, depois da perda do domínio dos mares.

Alvaro de Campos apresenta a outra facêta da vivência marítima, a sensacionista, especialmente no seu canto de cisne, a nosso ver, a decantada e pouco estudada “Ode Marítima”. Vejamos com relação a êste heterônimo como se põem o mar e elementos pertencentes a êle.

A IMAGEM POÉTICA EM RELAÇÃO AO MAR EM ALVARO DE CAMPOS

Na situação do problema, diga-se primeiramente que, antes de tudo, para Fernando Pessoa, a poesia não constitui algo fora do artista, mas sim imanente ao mesmo artista e assim sendo poesia acaba sendo sinônimo de vida, e a cada colocação de uma imagem poética segue-se uma assimilação do artista através de uma atitude intelectualista. A emoção da imagem poética é elaborada racionalmente. Isto que se pode separar teòricamente, na realidade, poéticamente torna-se impossível. Tentaremos exemplificar, adentrando à poesia, ten-

do em vista primeiramente a “Ode Marítima” de Alvaro de Campos.

Evidente está que o primeiro e grande elemento poético apresentado em “Ode Marítima” é o mar a que estarão ligados, direta ou indiretamente, todos os outros valores da referida ode.

Inicialmente forçoso é destacar-se a existência, dentro do tema, de alguns momentos, ou precisamente, de três momentos poéticos, em tórno dos quais são trabalhados o mar e seus circundantes.

Um momento inicial é o da simples transposição imagética, o outro da reflexão sôbre a imagem e um terceiro da reflexão sôbre a reflexão.

O processo lírico e dramático se se ativesse apenas ao primeiro momento, ou mesmo ao segundo, permaneceria limitado aos lugares comuns e vulgares dos menos poetas, contudo Alvaro de Campos realiza-se integralmente dentro dos três, com um equilíbrio flagrante também no terceiro momento, onde a poesia não cai para o filosofismo vazio, mas antes numa necessidade de atitude reflexiva.

O mar, como dado imagético não é lançado precipitadamente, observando-se ao contrário, isto é, a elaboração lenta, num acercar-se gradativo do elemento marítimo, através de outros ligados estreitamente a êle e o ambiente incomensurável do mar vai se casar perfeitamente com a ânsia de libertação que domina o artista, de início a fim, e lhe oferece uma oportunidade de fugir, ao menos oniricamente, da natureza fechada, asfixiante que o cerca (lembramos antes de tudo que para Pessoa, poesia é expressão de vida, especialmente em Alvaro de Campos). Isto nos sugere o muito de “autobiográfico” de que está impregnada a poesia, pois esta não é apenas expressão fantasista e sentimental e sim “expressão total” do artista.

Assim, “Ode Marítima” constitui-se para Alvaro de Campos, numa “verdade” digamos assim, integral e à qual êle procura se integrar, não raro em um sentido eroticista e mesmo masoquista, como teremos oportunidade de mostrar.

Um aspecto notável é que o mar, como dado poético, constitui algo inerente à história e à literatura portuguesa, tendo quase se “esgotado” como possibilidade artística mas com “Ode Marítima”, êle se revela, não como simples elemento paisagístico, antes como busca do poeta de uma fusão total; realmente, o mar é quase uma entidade anímica e possibilitadora de uma completa libertação do homem.

Como vivência do mar, o poeta labora em dois planos, o primeiro o do real, que não o satisfaz e então parte êle à busca do segundo, o do fantástico, do irreal, estando aquêle circunscrito ao primeiro momento poético e êste ao segundo, constituindo o mar o início do processo como colocação do elemento imagético, vindo depois a permanecer subjacente quando da atitude intelectualizante do artista:

“Ah, todo o cais é uma saudade de pedra”
O’ alma errante e instável da gente que anda embarcada,
Da gente simbólica que passa e com quem nada dura”.

Tal atitude não é simplesmente postiça, vale dizer, o poeta não força a atividade intelectualizante que se constitui mesmo numa volta à consciência poética, em justificação das imagens e especialmente das sensações. Estas, não raro, atingem ou consubstanciam um sadismo em certas passagens, em outras um infrene masoquismo:

“Ser o meu corpo passivo a mulher — tôdas — as mu-
[lheres
Que foram violadas, mortas, feridas, rasgadas pelos pi-
[ratas!”

em

“Cevai sôbre mim todo o meu misticismo de vós!
Cinzelai a sangue a minh’alma
Cortai, riscai”

sádico em

“Lembro-me de que seria interessante
Enforcar os filhos à vista das mães
(Mas sinto-me sem querer as mães dêles)”.

O sentido sadista e masoquista não pode ser interpretado como tendência de busca do ato (realmente não o é), mas antes como busca de sensações que traduzem experiências dentro do não-real, confirmando o que “a priori” afirma do poeta, confirmando-o também “a posteriori”.

“Viver tudo de tôdas as maneiras”

Ambos, sadismo e masoquismo em “Ode Marítima” não se encontram no plano do lógico e sim do alógico e são válidos como definição estética do artista; poder-se-á objetar que isso não constitui verdade, porém o poeta tem a sua “verdade” e nela justificam-se perfeitamente os citados elementos. Donde se conclui que é uma visão humana das coisas, outra a visão poética em que tudo ou quase tudo se compreende, ou se “desculpa”, dentro da realidade do poeta que traz seu mundo interior para o exterior; daí as incursões no plano do alógico poderem e deverem ser entendidas tão somente como vivência artística.

O sentimento no comum das pessoas apresenta certas limitações, observadas apenas pelos poetas que não têm fôlego ou capacidade para fugir das impressões mais superficiais e nelas ficam.

Alvaro de Campos busca a raiz dos sentimentos e das sensações:

“Esforço-me e consigo chamar outra vez ante os meus
[olhos na alma,
Outra vez, mas através duma imaginação quase literária”.

Muito particularmente, as sensações do poeta formam a força extrema, porque constituem expressão da realidade não do campo mental e condicionam o aspecto do poder ser e do que não é, já que todo o poema traduz um choque íntimo entre o querer ser e o poder ser, numa busca portanto da fusão do “eu” com o “não-eu” dentro do elemento marítimo:

“Uma oca saciedade de minutos marítimos,
E uma ansiedade vaga que seria tédio ou dor
Se soubesse como sê-lo...”

O não-ser do poeta no campo real dos elementos sensíveis, isto é, aquilo que o artista não é, provoca nêlo uma busca de realização no campo das idéias, no plano estético, donde se conclui que a experiência em “Ode Marítima” consubstancia uma vivência (e profunda) no campo mental e não no físico. Este apenas existe como uma referência, um primeiro dado possibilitador da abstração, ou se quisermos, a realidade abstrata e o ponto alto da poesia de Álvaro de Campos se encontram nesta realidade e nunca na do concreto. Afinal a realidade concreta só reaparece nos momentos em que o artista volta a si, vale dizer, nos momentos em que êle é, e frequentes vêzes isto ocorre numa atitude de profunda revolta:

“Arre! por não poder agir de acôrdo com o meu delírio
Arre! por andar sempre agarrado às
saías da civilização!”

outras, buscando o sofrimento e através dêle, Deus:

“Fazei de mim as vossas vitimas tôdas!
Como Cristo sofreu por todos os homens, quero sofrer.”

O ato de sofrer, buscado espontâneamente pelo poeta, num sentido masoquista ou sadista, em relação ao mar, constitui um modo de purificar-se que é afinal o que busca o poeta, bastando lembrar a sua tentativa de volta à infância, época mais feliz da criatura humana e afinal o que busca o artista é a felicidade que se possui nos primeiros anos:

“E a minha infância feliz acorda, como uma lágrima
[em mim.
O meu passado ressurge, como êsse grito marítimo
Fôsse um aroma, uma voz, o eco duma canção
Que fôsse chamar ao meu passado
por aquela felicidade que nunca mais tornarei a ter.”

E’ o eterno drama de Álvaro de Campos, quando se é feliz não se sabe que o é; tal constitui mesmo o principal aspecto dos nossos verdes anos, somos felizes justamente porque não o sabemos, saber já é não ser, porque inclui o elemento intelectual, racional.

Essa mesma experiência estética no plano do mental faz do poeta um elemento com grande humanidade, talvez maior do que se a experiência fôra real:

“Ah, e as viagens de recreio, e as outras,
As viagens por mar, onde todos somos companheiros dos
[outros.”

o mesmo ocorre em relação aos sentimentos humanos:

“Ah, tudo isto é belo, tudo isto é humano e anda ligado
Aos sentimentos humanos, convincentes e burgueses.”

onde a reflexão poética sôbre o elemento burguês coloca o artista, como um anti-burguês, isto é, um homem voltado para e revoltado contra as coisas estabelecidas:

“Perder convosco a noção de moral!
Sentir mudar-se no longe a minha humanidade!”

O drama de Alvaro de Campos em “Ode Marítima” é de ordem existencial como busca de vir-a-ser e nunca de ordem física; nesta os elementos são estáveis, parados, em si apoeéticos e portanto prosaicos; naquela, contudo, referidos elementos são elevados a planos mais altos, a regiões mais sublimes, confirmando aquilo que já se disse de Fernando Pessoa: o poeta vê poesia em tudo: poeta é um modo de ser, de viver:

“Venham dizer-me que não há poesia no comércio, nos
[escritórios!
Ora, ela entra por todos os poros... Neste ar marítimo
[respiro-a.
Porque tudo isto vem a propósito dos vapores, da nave-
[gação moderna.”

O elemento prosaico serve como intermediário para se atingir a linguagem poética, em si abstrata e complexa, contudo há uma lógica na evolução do artista, uma lógica como que interior, imanente, que justifica a colocação imediata do elemento concreto.

A elaboração mental, dentro da poesia, por outro lado, lança o poeta a uma atitude cada vez mais distanciada do concreto, cada vez menos equilibrada em relação à realidade física e o poeta não pode permanecer constantemente em posi-

ção instável, vale dizer, quando abstrai êle não sente, mas nunca poderá deixar de sentir totalmente e o poeta busca isso: aniquilar-se totalmente, e não podendo separar completamente a “idéia da emoção”, como diz Massaud Moisés, volta ao concreto, pois que a presença total no abstrato constitui em si a destruição total e o poeta tem de manter os “pés” dentro do real embora a “cabeça” possa estar “quase” totalmente para o abstrato e esta constitui uma limitação que tortura o grande poeta, pois impede-o de chegar a essência de sua emoção, trabalhando-a refletidamente:

“Porque os mares antigos são a Distância Absoluta,
O Puro Longe, liberto do péso do Atual. . .
E ah, como aqui tudo me lembra essa vida melhor,
Êsses mares, maiores, porque se navega mais devagar,
Êsses mares, misteriosos, porque se sabia menos dêles.”

Esta atitude reflexiva, intelectualizante, abstrata, portanto, é instável, porque o poeta afasta-se demasiado do concreto e por isso vemos o poeta voltar logo ao segundo campo, o da sensibilidade, ou mais:

“Toma-me pouco a pouco o delírio das coisas marítimas,
Penetram-me fisicamente o cais e a sua atmosfera,
O marulho do Tejo galga-me por cima dos sentidos,
E começo a sonhar, começo a envolver-me dos sonhos das
[águas,”

A tendência para o abstrato dentro da “Ode Marítima” poderá, a princípio, parecer paradoxal, quando observamos o poeta em busca de emoções, de sensações cada vez mais profundas no aspecto da vivência física. Quer dizer, são duas expressões contrárias, mas se lembrarmos que o choque interno entre o material e o espiritual constitui algo de permanente no elemento humano, a coisa se esclarece. A diferença é que os indivíduos comuns não sentem ou se sentem, não expressam seu drama mas o poeta e especialmente o grande poeta expressa esta dicotomia e o faz com maior profundidade, isto é, êle sente e expressa tão claramente quanto pode aquilo que nós sentimos e não podemos exprimir e isto constitui para êle um desabafo:

“No mar, no mar, no mar, no mar,
Eh! pôr no mar, ao vento, as vagas,
A minha vida!
Salgar de espuma arremessada pelos ventos
Meu paladar das grandes viagens.”

Notamos assim que o poeta caminha em extremos, de uma parte através de uma atitude reflexiva, procurando chegar à essência da imagem poética, o que enfim, constitui para êle cada realidade marítima; de outra, buscando as sensações mais empolgantes e dissolventes, quase sempre de caráter eroticista, pois o artista também busca a essência do gôzo e esta luta interna entre a reflexão, de sentido espiritual e a sensação, de caráter físico, eleva a poesia acima do plano comum.

As sensações, contudo, não constituem meros desejos físicos, como alguns possam entender e comum a maior parte das criaturas; o lascivo, o sensual na “Ode Marítima” não é o mesmo do comum dos homens, apenas de caráter sensorial, antes, em Álvaro de Campos as sensações constituem uma vivência de ordem artística, estética, e não simples busca da satisfação dos sentidos.

Está o poeta ao mesmo tempo acima de suas sensações e de suas reflexões e é por isso que afirmamos que na “Ode Marítima”, parece que Álvaro de Campos está a se vigiar, a medir as sensações e reflexões:

“E há uma sinfonia de sensações incompatíveis e análogas.
Há uma orquestração no meu sangue de balbúrdias.”

Na busca incessante de sentir, o poeta não observa limites; para êle tudo deve ser vivido e ao extremo:

“Ser o meu corpo passivo a mulher — tôdas — as mu-
[lheres
Que foram violadas, mortas, feridas, rasgadas, pelos pi-
[ratas!”

Poeta descrente de elementos sobrenaturais ou própria-mente, de Deus, como querem alguns, procura em uma vivência sensorial em poesia, buscar, no extremo desta, aquilo que é absoluto, como se a extrema satisfação dos elementos sensi-

veis pudesse conduzir a uma satisfação última consigo mesmo. Daqui vem que um dos problemas da “Ode Marítima” é esta eterna busca de elementos extra-terrenos, dentro da limitação dos elementos terrenos. Quem sabe, neste sentido se possa afirmar que aqui há realmente um “aspecto religioso” na poesia de Álvaro de Campos. A simples vivência sensual, melhor dizendo, sexual, não constitui no vulgar dos homens a busca das verdades últimas, mas antes um processo cada vez mais dissolvente do ser; tal processo somente pode ser busca do elemento extremo, através do intelectualismo não como “erudição” mas no fato de pensar nos atos e nas idéias, acercar-se dêles através do pensamento e resolvê-los com êle. Daí, estribados nestas idéias, é que “desculpamos” no grande artista o que não perdoamos ao comum dos homens: aquêle vive o problema sensorialmente mas em especial intelectualmente, os últimos não. Vivem-no fisicamente, biologicamente e nem lhes ocorre o processo mental.

OS MOMENTOS POÉTICOS NA ODE MARÍTIMA

O momento da transposição imagética constitui-se na exposição direta e nunca através do “raciocínio do poeta”, vale dizer, a imagem é lançada diretamente e somente depois será burilada, aprofundada pelo artista:

“Os paquetes que entram de manhã na barra
Trazem aos meus olhos consigo
O mistério alegre e triste do que chega e parte.”

Aqui, já podemos fazer certas observações, em relação a este primeiro momento. A situação da imagem é sempre rápida, pois denota simplesmente uma insinuação sentimental; o tratamento em poesia dado por Fernando Pessoa é de ordem intelectual, por isso é que a colocação imagética é sempre rápida, o bastante para possibilitar ao poeta os vãos reflexivos; basta observar-se os dois últimos versos transcritos logo acima, para se confirmar o que dizemos.

Naturalmente, este primeiro momento, como vivência poética é de parco valor, como já afirmamos anteriormente, e

constitui pretexto para de dois outros momentos. Realmente a carga poética do primeiro momento constitui-se em apenas uma afirmação sentimental e local do poeta e por isso apresenta um valor mediano em poesia. Mas o grande poeta deveria superar êste primeiro estágio e realmente o consegue Alvaro de Campos, partindo para a reflexão e logo após para a reflexão da reflexão, às vèzes destruindo a primeira, mostrando que a poesia se forma de “instantes poéticos”, que podem se contradizer aparentemente, embora possíveis no campo do alógico:

“Enterrar vivas nas ilhas desertas as crianças de quatro
[anos
Levando os pais em barcos até lá para verem
(Mas estremeço, lembrando-me dum filho que não tenho
e está dormindo tranqüilo em casa)”.

Ademais da profunda humanidade de Alvaro de Campos, sentimos aqui um certo travo de tragédia estática, quando o poeta procura colocar no plano do real, uma experiência apenas do plano irreal ou estético (“lembrando dum filho que não tenho e está dormindo tranqüilo em casa”).

Confirma-se aqui ainda uma vez o plano do mental, do irreal, do estético apenas, em que ocorrem as sensações e as racionalizações de Alvaro de Campos.

O pensamento do poeta se liberta totalmente, numa vivência de tóda a humanidade descrita pelo poeta e esta acaba sendo de uma feição mais profunda de que podem ser os componentes de sua “humanidade marítima”. O poeta para sentir a crueldade acaba sendo, em poesia, mais cruel que suas personagens. Quer dizer, a vivência intelectual por ser mais livre, permite mais profundidade que a física e neste processo o artista caba se multiplicando, em centenas de elementos marítimos para vivê-los imensa e completamente: o poeta procura ser a sua “humanidade”:

“Ah, torturai-me para me curardes!
Minha carne, fazei dela o ar que os vossos cutelos atra-
[vessam

Antes de caírem sôbre as cabeças e os ombros!
Minhas veias sejam os fatos que as facas trespassam!
Minha imaginação o corpo das mulheres que violais!”

A reflexão sôbre o sentimento provocado pelas coisas marítimas, permite observar até onde vai a profundidade do elemento sensitivo, portanto, quanto mais reflete, mais sente o poeta, numa eterna ânsia de chegar à essência da emoção, eliminando o elemento reflexivo pois afinal para Fernando Pessoa, no caso para Álvaro de Campos sentir mais e melhor as coisas é um modo mais metafísico de vivê-las que pensar sôbre elas.

O sentir, apenas, constitui processo de vivência mais profundo que o refletir, pois êste, de tôdas as maneiras é elemento de distorsão da emoção, do sentimento-essência e por isso é que o poeta, depois de submeter suas emoções e seus sentimentos ao crivo da razão, procura eliminá-la e viver tão-sòmente, sentimentalmente, mas não o consegue de maneira total:

“Todo o atracar, todo o largar de navio
E’ — sinto-o em mim como o meu sangue —
Inconscientemente simbólico, terrivelmente
Ameaçador de significações metafísicas
Que perturbam em mim que eu fui...”

Naturalmente que o caminho percorrido pelo poeta não pode ser feito em sentido contrário, pois o sentir sòmente, constitui processo da infância, quando não há o elemento reflexivo; portanto surge aqui um elemento esclarecedor de tôda a problemática da “Ode Marítima”: a constante busca da infância, idade inocente da criatura humana e desde que o homem se ponha a pensar, isto prosseguirá indefinidamente.

Para confirmar isto que afirmamos, lembremos que ao atingir o paroxismo da emoção, o poeta volta à infância, idade do sentimento antes que da razão.

Como vemos, na poesia de Álvaro de Campos ocorre uma luta incessante entre o elemento subjetivo e sentimental e o elemento objetivo-racional e tudo isto deriva do fato do poe-

ta buscar a essência da imagem poética e neste sentido sua poesia adquire feição dramática, sendo o drama esta luta interior do homem consigo mesmo, com seu sentimento, com sua emoção, com sua razão.

Com tudo isto, portanto, Álvaro de Campos é o heterônimo ativo, batalhador, insatisfeito e nisto êle se aproxima mais de um Fernando Pessoa-Êle-mesmo e de um Alberto Caieiro, antes que de Ricardo Reis.

Aliás, Álvaro de Campos com o seu sensacionismo e Fernando Pessoa com o seu sebastianismo e seu interseccionismo constituem as vivências marítimas. Claro que em Fernando Pessoa-Êle-mesmo há uma vivência mais racional do problema, veja-se por exemplo “Chuva Oblíqua” e “Hora Absurda” e embora, menos racional, a série de poesias da **Mensagem**. Assim é que Álvaro de Campos traduz muito mais movimento, mais vida ativa, mais sensação, enquanto que a vivência marítima em Fernando Pessoa-Êle-mesmo adquire tons fortes de atitude contemplativa.

Ainda, uma certa atitude de voltar-se para o passado de Fernando-Êle-mesmo, distingue-o perfeitamente da atualidade do sensacionismo de Álvaro de Campos; basta que comparemos **A Mensagem** com a “Ode Marítima” para percebermos isto. Acrescente-se ainda qua o sentido épico da primeira obra e da segunda difere bastante. Num é a presença dos valores portugueses históricos a se sucederem numa ânsia sebastianista, através de um épico coletivo; em “Ode Marítima” é a presença do épico através da vivência de um homem o próprio poeta, onde a imaginação é muito mais livre, pois que não ocorre a limitação histórica.

Além disto, na **Mensagem** há tôda uma atitude nacionalista, através da exaltação das figuras e dos momentos históricos portugueses e ainda do mar português enquanto que na obra de Álvaro de Campos ocorre uma maior vivência estética e humana do mar e seus elementos.

Destaquemos, no entanto, apenas aquelas passagens em que ocorrem os aspectos marítimos, de tôdas as maneiras, os que nos interessam neste trabalho:

O teu silêncio é uma nau com tôdas as velas pandas...
Brandas, as brisas brincam nas flâmulas, teu sorriso...
E o teu sorriso no teu silêncio é as escadas e as andas
Com que me finjo mais alto e ao pé de qualquer paraíso...
.....
Minha idéia de ti é um cadáver que o mar traz à praia...
e entanto
Tu és a tela irreal em que erro em côr minha arte...

Abra tôdas as portas e que o vento varra a idéia
Que temos de que um fumo perfuma de ócio os salões...
Minha alma é uma caverna enchida p'la maré cheia,
E a minha idéia de te sonhar uma caravana de histriões...
.....
Hoje o céu é pesado como a idéia de nunca chegar a um
[pôrto...
A chuva miúda é vazia... A Hora sabe a ter sido...
Não haver qualquer coisa como leitos para as naus!...
Absorto

Em se alhear de si, teu olhar é uma praga sem sentido...
.....
A doida partiu todos os candelabros glabros,
Sujou de humano o lago com cartas rasgadas, muitas...
E a minha alma é aquela luz que não haverá nos cande-
[labros
E que querem ao lado aziago minhas ânsias, brisas for-
[tuitas...

Porque me affijo e me enfermo?... Deitam-se nuas ao
[luar
Tôdas as ninfas... Veio o sol e já tinha partido...
O teu silêncio que me embala é a idéia de naufrágio,
E a idéia de tua voz soar a lira dum Apolo fingido...
.....
Secou em teu olhar a idéia de te julgares calma
E ver isso em ti é um pôrto sem navios...
Ergueram-se a um tempo todos os remos... Pelo ouro
[das searas
Passou uma saudade de não serem o mar...

Na poesia, dois planos se interseccionam através das imagens da mulher de um lado e dos elementos marítimos de outro, numa união metafórica que, de nenhum modo, desfaz êsses dois planos, um da realidade primeira, a presença da

mulher (“O teu silêncio” ou “o teu sorriso”), presença física, imagem primeira da elaboração poética, outro a presença da elaboração racional, do dado comparativo, da metáfora enfim (... é uma nau com tôdas as velas pandas... ou... é as escadas e as andas.) ... etc.

Neste interseccionismo notamos ainda duas atitudes perfeitamente distintas: uma delas é a contemplação, presente no sentido geral da poesia, outra a presença do racional a explicar a poesia e o poeta, através da colocação dos elementos marítimos. Quer dizer, no fundo, a contemplação se liga indissolúvelmente à racionalização, através dêste processo de fuga, observado na poesia. Ao mesmo tempo, observa-se a intensa deslocação de imagens e sentimentos, numa inquietação do poeta e numa preocupação de revelar todos os detalhes numa multiplicação das realidades.

Ademais, busca o poeta uma integração dessas realidades como o seu “Eu”, quer dizer, há várias direções na paisagem poética, há uma multiplicação, aparentemente desconexa, mas explicável por um exagêro do interseccionismo.

Já em Alvaro de Campos, rigorosamente, a paisagem em que trabalha é uma só e um exemplo disto é a própria “Ode Marítima”.

Quanto à série constitutiva da **Mensagem**, o problema marítimo é colocado especialmente no sentido sebastianista de revalorizar histórica e esteticamente os feitos portugueses. Mas falaremos disto, particularizadamente, em capítulo especial.

Claro está que, partindo-se do fato de Fernando Pessoa-Êle-mesmo e Alvaro de Campos serem dois poetas distintos (a explicação está claro, reside na heteronímia), portanto duas sensibilidades distintas, é evidente que nada há de estranhável no fato de abordarem uma realidade, no caso a marítima, através de prismas diferentes.

Por outro lado, como tomada do elemento marítimo, o interseccionismo de Fernando Pessoa-Êle-mesmo, por exemplo, nas poesias “Chuva Oblíqua” e “Hora Absurda” acaba sendo uma atitude estética bem mais complexa que o sensacionismo vibrante de Alvaro de Campos, visto que êle sugere

o pensar, e êste é um apêlo ao sentir do elemento marítimo. O primeiro prende-se ao racional e o segundo às emoções.

Como estamos vendo, sendo a poesia de um poeta diferente da outra, sentimos que a heteronímia não constitui um fato puramente formal, mas sim um problema de conteúdo.

Ainda, “Hora Absurda” revela-se como uma sondagem interior que o poeta realiza em si mesmo, através de particularmente do segundo plano, isto é, Fernando Pessoa-Êle-mesmo está preocupado em definir perfeitamente o sorriso, o olhar, o silêncio da criatura humana, numa perfeita integração emocional e racional, na busca de uma posição de equilíbrio de sua impressão estética.

Observe-se, por outro lado, o fato de, partindo de dois planos principais destacados, o poeta expressa uma série de realidades concomitantes, numa multiplicação de planos vários, numa tentativa de, acercando-se dos vários acontecimentos, dos múltiplos lugares que o poeta pode abarcar, buscando inicialmente uma unidade, posteriormente projetando-se em variados planos, para novamente buscar a unificação. A presença então, dos dois planos iniciais, seguidos dos outros confere à esta poesia interseccionista de Fernando Pessoa-Êle-mesmo, uma aparência de caos, impressão que desaparece logo, conforme vamos penetrando na essência da poesia. Esta volta-se, simultâneamente, para múltiplas realidades, confere à poesia um movimento e uma vida bastante intensa. Está claro que tudo parte de que há um sentido bastante irrequieto na poesia marítima de Fernando Pessoa-Êle-mesmo.

Êste interseccionismo do mesmo sentido ocorre também em “Chuva Oblíqua”, onde vários planos simultâneos de imagens aparecem ao artista, num sentido de mostrar fielmente as inúmeras imagens que traumatizam o poeta. Aqui ainda se observa a fusão de um passado, simbolizado pela volta à infância de um presente em que a paisagem marítima vai se apoderando do artista, num certo sentido lembrando o processo que ocorre no sensacionismo de Alvaro de Campos da “Ode Marítima”, acrescentando-se aqui contudo, uma policro-

mia com relação aos aspectos da infância que não existe em Alvaro de Campos.

Assim, sensacionismo e interseccionismo consubstanciam duas das importantes direções na tomada do dado poético em nosso autor, além da direção também válida, ou seja da redefinição estética e histórica da **Mensagem**.

Por outro lado, se a expressão sensacionista de Alvaro de Campos se encontra especialmente na “Ode Marítima”, em outros poemas expressivos dêsse heterônimo encontramos a mesma expressão. E’ o caso por exemplo, de “Passagem das Horas”, onde encontramos expressões definidas como:

“Experimentei mais sensações do que tôdas as sensações
[que senti]”
“Desta turbulência tranqüila de sensações desencontradas”

Ainda Alvaro de Campos, em certas poesias, adquire uma atitude de ironia, distinta por exemplo, da seriedade com que aborda os valores portugueses de **Mensagem**. E’ o caso de certas passagens de “Opiário” particularmente:

“Pertença a um gênero de portugueses
Que depois de estar a Índia descoberta
Ficaram sem trabalho. A morte é certa.
Tenho pensado nisto muitas vêzes.”

Por outro lado, esta atitude de ironia não constitui generalidade na atitude do poeta. Sensacionismo e interseccionismo são igualmente duas atitudes dramáticas do poeta, na tentativa de captar a realidade.

Nos dois casos a emoção é trabalhada pela idéia e isto aproxima Fernando Pessoa-Êle-mesmo de Alvaro de Campos. Em um e em outro, o elemento dramático funciona no sentido do poeta interrogar-se a si mesmo, para buscar uma certa satisfação nesta supra realidade poética, eis que os dois são eternos insatisfeitos perante a vida. Um sai então ao mar para satisfação de seus sentidos, daí o sensacionismo ao passo que outro se lança a uma atitude racionalista e contemplativa.

Num se observa a busca da emoção pura, através das sensações, noutra a associação do elemento emocional ao intelectual, numa tentativa de compreender essa emoção.

Claro está que, tanto no caso de Fernando Pessoa-Êle-mesmo como no heterônimo Alvaro de Campos, a tomada do elemento marítimo se faz através de um processo evolutivo. Em certas poesias o mar não aparece como vivência sensacionista nem interseccionista, mas antes, como cenário ou paisagem propriamente dito, não havendo ainda essa preocupação de maior fôlego relativamente ao mar.

E' o que observamos em:

“O' naus felizes, que do mar vago
Volveis enfim ao silêncio do pôrto
Depois de tanto noturno mal
Meu coração é um morto lago,
E à margem triste do lago morto
Sonha um castelo medieval. . .

E nesse, onde sonha, castelo triste,
Nem sabe saber, a de mãos formosas
Sem gôsto ou côr, triste castelã
Que um pôrto além existe,
Donde as naus negras e silenciosas
Se partem quando é no mar manhã. . .

Nem sequer sabe que há o, onde sonha,
Castelo triste. . . Seu sprito monge
Para nada externo é perto e real. . .
E enquanto ela assim se esquece, tristonha,
Regressam, velas no mar ao longe,
As naus ao pôrto medieval. . .

Aqui a presença do mar ocorre apenas como elemento panorâmico, o mar é vivido racionalmente e surge apenas como um dos tantos componentes do pano de fundo onde aparecem as naus como agente do processo poético. Vemos assim que nem sempre o mar constitui em si a imagem principal, contudo aqui ainda um elemento marítimo tem preponderância. Quer dizer, que, se de um lado, por exemplo, a “Ode Marítima” constitui uma grande visão reunida e épica do mar, êste elemento num sentido geral acha-se bastante presente, embo-

ra esparsamente nas outras poesias de Álvaro de Campos e de Fernando Pessoa-Êle-mesmo.

Assim, colocação pura e simples do mar como dado poético, sensacionismo, interseccionismo constituem visões estéticas em que aquêlê dado adquire esta ou aquela expressão. Assim, seja na visão ordenada e ademais contemplativa de “Hora Absurda” ou na desordenada arrancada de Álvaro de Campos para o mar, o fato é que constitui êle uma permanente na obra do poeta.

Para Croce poesia é um complexo de imagem e um sentimento que a anima. No caso de Fernando Pessoa, no entanto, poesia seria um complexo de imagem e emoção ou sensação ou ainda uma síntese da imagem com o racional, com a idéia. Quer dizer, a poesia de Fernando Pessoa alarga o conceito de Croce, introduzindo dois valores importantes: a sensação e na exageração desta o sensacionismo e a idéia, definindo o interseccionismo, já que o paulismo, expresso em uma ou outra poesia não conseguiu se definir como tendência expressiva na obra de Pessoa, criando apenas um mundo de coisas esparsas e meio caóticas.

Recordemos ainda, do início de nosso trabalho, que, de tôda a maneira, Fernando Pessoa afirma ser sua poesia, essencialmente dramática, e para Hegel:

“Prêviamente é preciso que, (o drama), como a epopéia nos apresente um acontecimento, um efeito, uma ação; porém êsse que seguia um curso fatal, deve despojar-se agora de seu caráter exterior. Como base e principio, deve aparecer a pessoa moral em ação”. (pág. 141. **Poética**, Colección Austral).

Mais adiante acrescenta-se o mesmo Hegel:

“Além disso, embora o homem moral e sua natureza íntima sejam o centro da representação dramática, esta não pode contentar-se com simples situações líricas, nem com recitativos mais ou menos patéticos de ações passadas ou descrições de gozos, pensamentos e sentimentos, nos quais o homem esteja inativo. No drama, as situa-

ções só têm sentido e valor pelo caráter das personagens que põe em relêvo e pelos fins que estas perseguem”.

Estas observações do mestre alemão adaptam-se bem à poesia de Fernando Pessoa. A “Ode Marítima” muito especialmente se coloca dentro de uma consciência dramática da vida, nos termos exatos em que a situa Hegel, com luta do homem visando a um fim que êste mesmo homem procura conhecer, no caso a busca da vivência marítima, pois no caso a poesia de Alvaro de Campos tem feição muito mais dramática que a de Fernando Pessoa-Êle-mesmo; esta tem caráter mais contemplativo.

Êste sentido dramático da poesia de Fernando Pessoa é observável visivelmente, na série constitutiva da **Mensagem**, com uma direção outra, no campo marítimo, definida pelo poeta: a história-crítica dos valores históricos portugueses. Veremos, neste particular, que é a manifestação épica num sentido coletivo que encontramos no poeta, pois que o épico individual já encontramos, por exemplo, em Alvaro de Campos, mais especialmente na “Ode Marítima”.

O MAR NA MENSAGEM DE FERNANDO PESSOA

Em primeiro lugar, é preciso ter em vista que a **Mensagem** de Fernando Pessoa implica em três valores que se entrelaçam na obra: um valor estético, um valor filosófico, que abarca um sentido crítico social e humano e um valor histórico. Colocamos as coisas nesta ordem, naturalmente por estarmos preocupados com uma definição literária da poesia, daí aparecer, por exemplo, o valor estético em primeiro lugar.

Ainda mais, é necessário ter na sua devida conta, o reconhecido conteúdo sebastianista da obra, nesta busca de uma revalorização geral de Portugal, através da poesia, mas nunca um sentido de sebastianismo contemplativo, antes o de ação.

Por outro lado, esta busca de reconduzir Portugal ao antigo esplendor que gozou, na disputa dos mares, adquire em Fernando Pessoa um evidente e exagerado sentido elegíaco, seja com relação aos heróis portugueses, seja no que tange

às instituições, aos símbolos, às aventuras no mar tenebroso, etc. Este tom de elegia é mais ou menos constante, no desenvolver da **Mensagem**, numa tentativa através da ação poética de colocar Portugal em seu devido e merecido lugar no concôrto das nações.

Notemos ademais, que a atitude de Fernando Pessoa na **Mensagem** constitui um aspecto curioso pois que nela observamos Fernando Pessoa numa atitude tão profundamente humana e sem aquêlê racionalismo distorsivo de um Alberto Caeiro, embora de sentido também algo de filosófico, a tomar um caminho otimista, quanto à pátria portugûesa. E' uma poesia de adesão total a Portugal, de crença antes de tudo, nos heróis, nos símbolos, nas coisas portugûesas. E' onde encontramos um verdadeiro sentido nacionalista, não encontrado em outras suas poesias. Alguns dirão: bem, o poeta começou sua carreira com a **Mensagem** e a colocação dos valores históricos satisfaria inteiramente ao público, mas nós sabemos que Fernando Pessoa não era homem de concessões ao público, pelo menos não o era no campo literário e tanto isso é verdade, que mesmo hodiernamente, poucos são os que se dedicam ao estudo da obra do autor. Nosso poeta não concedia e por isso tornou-se grande, eis que busca lançar sua poesia para o futuro, nunca foi homem de seu tempo, sempre estêve voltado, em sua obra poética, para o futuro. Daqui poder-se inferir um certo "futurismo" do poeta e isto encontra-se também na **Mensagem**, que o que é senão o lançar para o futuro, em que Portugal se veria novamente colocado ao lado das grandes nações. E' uma visão futura dás coisas que encontramos, por exemplo em "Prece":

Senhor, a noite veio e alma é vil
Tanta foi a tormenta e a vontade
Restam-nos hoje, no silêncio hostil,
O mar universal e a saudade.

Mas a chama, que a vida em nós criou,
Se ainda há vida ainda não é finda.
O frio morto em cinzas a ocultou:
A mão do vento pode erguê-la ainda.

Dá o sôpro, a aragem, — ou desgraça ou ânsia
Com que a chama do esforço se remoça,
E outra vez conquistemos a Distância —
Do mar ou outra, mas que seja nossa!

Inicialmente, esta poesia nos lança uma atitude humilde e desencantada do poeta, num ar mesmo de confissão, ainda de conformação, para seguir-se uma visão otimista, em que o artista se associa a todos os portugueses nesta atitude de crença sebastianista, concluindo por uma tirada épica em que sentimos uma brisa nova afirmar-se na poesia. Além do mais estão presentes nesta poesia certos elementos permanentes na **Mensagem**: o mar universal, a saudade, o vento e a Distância, elementos verdadeiramente lírico-épicos da poesia.

Nota-se ainda o sentido ativo da poesia, na atitude de crença no grande futuro de Portugal, quer dizer, tôda a série da **Mensagem** é atuante, mostrando um Fernando Pessoa diferente, um poeta que luta, que reivindica, que em têrmos de modernidade como lembrou alguém busca um reavivamento dos valores portugueses.

Ainda mais a colocação dos heróis portugueses, dos símbolos, dos monstros marinhos, tudo isto está a serviço de uma poesia não só épica, mas altamente dramática.

A **Mensagem** consubstancia uma posição coerente, una e harmônica quanto ao destino de Portugal, visto que cada herói consubstancia ao mesmo tempo um momento e uma ação a fazer. Ora, para Fernando Pessoa em **Mensagem**, êstes dois fatôres, momento e ação além da presença do homem a aproveitar isto, constituem os fatôres, que elevaram Portugal no concêrto das grandes nações; é o que temos evidenciado num poema como D. João o Primeiro:

“O Homem e a hora são um só
Quando Deus faz e a história é feita.
O mais é carne, cujo pó
A terra espreita.

Mestre, sem o saber. do tempo
Que Portugal foi feito ser,
Que houveste a glória e dêste o exemplo
De o defender.

Teu nome, eleito em sua fama,
E', na ara da nossa alma interna,
A que repele, eterna chama,
A sombra eterna."

Quer dizer, na transformação de Portugal em grande nação, além da presença do mar a solicitar o espírito da aventura do homem, os fatores citados devem se integrar e no passado se integraram, para as grandes descobertas, para as glórias portuguesas.

Assim é que como valor estético e humano, o mar surge como o propiciador da realização completa de Portugal e por isso êle adquire papel importante. Houvesse o homem, a obra a realizar, o momento oportuno, não havendo o mar, nada poderia se realizar e neste instante é que o mar sintetiza-se como elemento dramático, aos outros elementos portugueses: os heróis, os símbolos, etc.

Notemos que em **Mensagem** Fernando Pessoa supera o elemento meramente histórico, circunstancial, através de uma filosofia sôbre o humano e o poeta insiste no fato do herói ser vincadamente humano. E ' nesta configuração filosófica do contingente (herói, símbolo, quina) é que atinge êle um plano universal na **Mensagem**, pois se tivéssemos uma mera visão histórica do problema e a poesia perderia muito de seu conteúdo. Por outro lado, embora sendo poesia épica, temos que a **Mensagem** é também poesia dramática, de sentido coletivo mas é. Assim, o épico, o dramático, e o filosófico se misturam nesta revivescência coletiva, através do século, da glória portuguesa dos mares.

De uma forma ou de outra, o mar acaba sendo o propiciador de um tipo de poesia diferente de Fernando Pessoa, nessa atitude de sublimação dos feitos portugueses. A **Mensagem** é um grito de alerta de profundidade estética, histórica e prin-

principalmente humana sôbre a realidade portuguêsa, através de uma visão acurada dos problemas.

Antes de tudo porém a poesia está carregada de símbolos trabalhados filosoficamente pelo poeta e nesta busca da compreensão dos símbolos faz-se necessário ouvir a palavra do próprio Fernando Pessoa, que nos facilitará a tarefa de penetração na série de poesias da **Mensagem**:

“O entendimento dos símbolos e dos rituais (simbólicos) exige do intérprete que possua cinco qualidades ou condições, sem as quais os símbolos serão para êles mortos, e êle um morto para êles.

A primeira é a simpatia; não direi a primeira em tempo, mas a primeira conforme vou citando, e cito por graus de simplicidade.

Tem o intérprete que sentir simpatia pelo símbolo que se propõe interpretar. A atitude cauta, a irônica, a deslocada — tôdas elas privam o intérprete da primeira condição para poder interpretar.

A segunda é a intuição. A simpatia pode auxiliá-la, se ela já existe, porém não criá-la. Por intuição se entende aquela espécie de entendimento com que se sente o que está além do símbolo, sem que se veja.

A terceira é a inteligência. A inteligência analisa, decompõe, reconstrói noutra nível o símbolo; tem, porém, que fazê-lo depois que se usou da simpatia e da intuição. Um dos fins da inteligência, no exame dos símbolos, é o de relacionar no alto o que está de acôrdo com a relação que está embaixo. Não poderá fazer isso se a simpatia não tiver lembrado essa relação, se a intuição a não tiver estabelecido. Então a inteligência, de discursiva que naturalmente é, se tornará analógica, e o símbolo poderá ser interpretado.

A quarta é a compreensão, entendendo por esta palavra o conhecimento de outras matérias, que permitam que o símbolo seja iluminado por várias luzes, relacionando com vários outros símbolos, pois que, no fundo é tudo o mesmo. Não direi erudição, como poderia ter dito, pois a erudição é uma soma; nem direi cultura, pois a cultura é uma síntese; e a compreensão é uma vida. Assim certos símbolos não podem ser bem entendidos se

não houver antes, ou no mesmo tempo, o entendimento de símbolos diferentes.

A quinta é menos definível. Direi talvez, falando a uns que é a graça, falando a outros que é a mão do Superior Incógnito, falando a terceiro que é o Conhecimento e Conversação do Santo Anjo da Guarda, entendendo cada uma destas coisas, que são a mesma da maneira como as entendem aquêles que delas usam, falando ou escrevendo.”

Nestas observações do poeta, sentimos que as possibilidades da **Mensagem** como valor simbólico são perfeitamente compreendidas por êle, tal a clareza como se expressa.

Por outro lado, o símbolo em **Mensagem** não é apenas um elemento do acaso, basta que se observe a preocupação filosófica de Pessoa, na afirmação dêste símbolo.

Observe-se que nesta única incursão pelos elementos históricos portugueses, Fernando Pessoa nos traz a identificação de todo um povo, o português, com os anseios de um poeta. Cada personagem expressiva da história de Portugal, é como que confundida com tôda a Pátria. E' em última análise a síntese de tempos de história em um tempo só. E' uma unidade em algo além e acima dos valores do mundo. São valores predestinados colocados em uma única e grandiosa predestinação; de que participam Deus, o homem português e a obra a ser feita:

O INFANTE

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quis que a terra fôsse tôda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e fôste desvendando a espuma,
E a orla branca foi de ilha em continente,
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,
E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda do azul profundo.

.....

Quem te sagrou creou-te português.
Do mar e nós em ti nos deu sinal.
Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfêz.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!

Neste poema encontram-se elementos importantíssimos nesta revalorização histórica colocada na **Mensagem**, quais sejam Deus, o inspirador dos feitos portugueses, o homem, o realizador destes feitos e o mar, propiciador eterno à coragem portuguesa. Há ainda, está claro, toda uma visão simbólica traduzida mesmo na animização do elemento marítimo.

Ainda presente contudo, uma atitude contemplativa, na busca de sentir os valores portugueses através desta atitude de transferência de emoção. E' o que o próprio poeta afirma:

“— Há duas feições literárias — a épica e a dramática. O lirismo é a incapacidade comovida de ter qualquer delas. O que é ser lírico? E' cantar as emoções que se têm. Ora cantar as emoções que se têm faz-se até sem cantar. O que custa é cantar as emoções que se não têm. Sentir profundamente o que se não sente é a flâmula de almirante da inspiração. O poeta dramático faz isto diretamente; o poeta épico fá-lo indiretamente, sentindo o conjunto da obra mais que as partes dela, isto é, sentindo exatamente aquêlo elemento da obra de que não pode haver emoção nenhuma pessoal, porque é abstrato e por isso mesmo impessoal”.

Na **Mensagem**, o poeta busca isto mesmo: sentir o que os outros sentem, portanto expressar as emoções que êle poeta não têm, mas que as suas criaturas na poesia têm. Assim, ocorre pois que em **Mensagem** observa-se um sentido de transferência das personagens históricas para uma elaboração poética que conduzirá ao símbolo, coroado enfim das ações do elemento humano na História. Assim o símbolo constitui o instrumento através do qual Fernando Pessoa confere modernidade e profundidade às figuras históricas, através, muitas vezes, de um processo dialético, filosófico. Isto sim consubstancia algo de nôvo na poesia portuguesa, a presença de todo um alicerce filosófico dentro da poesia épica, em geral objetiva, direta, horizontal e por natureza anti-simbólico.

Com tudo isso, **Mensagem** resulta em uma poesia em que se sente a esperança, a crença do poeta, descrente quanto a quase tudo, como bem observa Adolfo Casais Monteiro:

“A obra de Fernando Pessoa pertence, na sua quase totalidade, ao espírito que descrê, e à emoção que não encontra seu objeto senão na dispersão irremediável do real. Quanto há nêle de “positivo”, iremos encontrá-lo precisamente, quer no nacionalismo sebastianista, quer nas suas poesias ocultistas — isto é, em formas de crença cujo fulcro é o mistério, e que são ainda uma forma de negar a existência”.

E' ainda o próprio Casais Monteiro que lembra:

“Esse mundo das essências, oculto e impenetrável, é o único para êle real porque não existe. Pessoa não o pôde destruir, porque o pôs fora do alcance de sua máquina mental de destruição; oculto é por isso mesmo inatingível, única pureza, que subsiste por ser aquilo que a razão não pode conceber sem modelos que a diminuam. Mas isto mesmo revela no seu mais intimo reduto o drama de Pessoa: não pode ter fé, porque a não podia racionalizar; mas não poder tão pouco aceitar a vida, por lhe ser vedado integrar-se nela, aceitá-la como real, em suma: existir.”

Ora, forçoso é concordar com estas observações do crítico, pelo fato da **Mensagem** refletir não só um sebastianismo e portanto uma crença, uma esperança em Portugal, mas também uma elaboração filosófica em poesia.

A **Mensagem** assim revela um aspecto incomum na criação poética de Fernando Pessoa, tendo em vista certas cicatrizes gerais que informam suas características.

Lembre-mo-nos ainda de que a característica épica ocorre, não só com sentido de visão do coletivo, observável em **Mensagem**, ao lado do épico individual, expresso em “Ode Marítima” de Alvaro de Campos.

Claro que ainda no sentido de poesia épica, observa-se outra diferença flagrante: enquanto a **Mensagem** tem um sentido histórico através das vivências das grandes figuras portuguesas formadoras da nacionalidade, a “Ode Marítima” apresenta um acentuado e evidente tom de modernidade ademais uma profunda vivência sensacionista como já tivemos oportunidade de lembrar e acentuar anteriormente.

Outra distinção, a nosso ver, importante, que diferencia ainda as duas épicas é o fato da **Mensagem** estar informada de um sentido filosófico no trabalho dos símbolos, sentido filosófico que não aparece em “Ode Marítima”, sensacionista por excelência e nem na poesia interseccionista de Fernando Pessoa. Sensorialismo e filosofismo permitem distinguir duas épicas no poeta.

No caso da **Mensagem**, curioso é observar que em certas poesias o poeta coloca a própria personagem a se auto-analisar ao passo que em outras o próprio poeta analisa as personagens; técnicas diferentes para se chegar ao mesmo fim: a identificação do herói português com um momento e com uma ação a se realizar, três fatores aliás sempre presentes no épico da **Mensagem**.

Ainda mais os próprios motivos diferem: num é a exigência histórica a impulsionar a elaboração poética, a presença dos heróis, dos símbolos, no que nós caracterizamos a vivência coletiva do épico. Noutra é a exigência do homem para consigo mesmo, provocado mais pela tomada sensacionista da realidade num sentido do atual.

Já no caso da poesia interseccionista ocorre o processo da análise interior, especialmente no sentido de traduzir, muitas vezes através de comparações, a dramática do poeta. No caso especial desta poesia ocorre que ela não é épica.

Por outro lado, não é fácil distinguir especificamente aquilo que é poesia lírica, dramática ou épica em Fernando Pessoa. Há como que um entrelaçamento entre essas várias tendências, veja-se, por exemplo que o épico e o dramático se associam na **Mensagem**, que o lírico e o dramático se ligam na poesia interseccionista e que o lírico e o épico e o dramático estão na “Ode Marítima” de Alvaro de Campos.

Por conseguinte as várias direções constituem maneiras de viver o mar e os elementos marítimos, donde podemos afeirir desde já a presença marcante de tais aspectos em Fernando Pessoa, seja através do sensacionismo, do interseccionismo ou ainda do sebastianismo, êste no caso da **Mensagem**.

E' verdade que, como expressão poética, a **Mensagem**, além de possuir o sentido histórico nesta busca de interpretar o mito, o símbolo, etc., por vêzes apresenta a própria figura histórica a se expressar, ou melhor, fingindo que é a figura histórica que fala, o poeta é sincero ao expressar-se através da citada figura.

Do exposto, infere-se que, no caso de heterônimo Alvaro de Campos, Fernando Pessoa se expressa não indiferentemente como vimos na **Mensagem**, mas sim diretamente, o mesmo ocorrendo com sua poesia interseccionista, por exemplo em "Chuva Oblíqua" e "Hora Absurda".

De todos os modos, especialmente em Alvaro de Campos e na poesia interseccionista de Fernando Pessoa-ê-le-mesmo e ainda na própria **Mensagem**, nota-se uma tomada nova do elemento marítimo, uma visão atual do problema.

Aliás, como bem observa Casais Monteiro:

"Mas é ao futuro que competirá dizer o que Pessoa "foi" na tradição: o que importa aos leitores de hoje é precisamente o que êle "é" para nós, o encontro dêle, poeta, conosco, leitores, a satisfação que sentimos ao receber das suas mãos uma emoção de que precisávamos, ao sermos aberta por ela uma porta para o nosso próprio mundo de homens desta época. Precisamente, Pessoa libertou a nossa poesia do que já não era senão eco de vozes passadas, sem correspondência nas necessidades dos homens do seu tempo. Que é a poesia na época em que êle surge? E' o saudosismo, que só se alimenta do passado e do além; são os ecos da grandiloquência junqueiraiana; é o estetismo, mais ou menos formalista. Em tôda ela, não se encontra o homem atento a si próprio, a consciência angustiada perante si próprio; tôda ela é "exterior" ao homem, no momento em que o o que lhe é "interior" passa a ter grau de preocupação essencial. O homem está em crise, e a poesia continua perdida na sua falsa inocência, tranqüila na sua falsa paz."

Em outras palavras, a poesia deixa de ser mera pose, para ser expressão dramática, integral do homem. E' o que encontramos, por exemplo, na "Ode Marítima", o poeta encontra poesia em tudo, ser poeta é algo permanente no homem Fer-

nando Pessoa e também neste aspecto constitui-se êle num inovador, embora com reflexos do à vontade da poesia de um António Nobre ou mesmo de um Teixeira de Pascoaes, no que tange à permanência constante nesta atitude poética.

Quanto ao Alvaro de Campos ainda, no caso da vivência poética na “Ode Marítima”, forçoso é lembrar dois obstáculos impostos a Fernando Pessoa: um dêles é a própria criação do heterônimo, tão diferente dos outros e em segundo lugar a imposição de uma poesia com características especiais, e no caso particular do “Ode Marítima”, o sensacionismo. Então para ser sincero através do inverídico (o heterônimo), Pessoa precisou superar-se, digamos assim, duplamente, daí concordarmos com a afirmação de João Gaspar Simões, quando diz:

“Em verdade Alvaro de Campos, de entre os três heterônimos fundamentais do “drama em gente”, é o mais laboriosamente fabricado. Pelo menos nos primeiros tempos de vida até fins de 1916, princípios de 1917” (2).

Ainda no sensacionismo da vivência marítima há tôda uma despersonalização, uma superação maior no sentido da criação de heterônimo Alvaro de Campos, pois como lembra o próprio João Gaspar Simões, a única coisa que possuíam em comum era o fato de ambos, Fernando Pessoa e Alvaro de Campos terem viajado e sido educados no estrangeiro. Então o “sincero inverídico” parece encontrar-se com maior força no autor da “Ode Marítima”, daí não concordarmos neste ponto com Gaspar Simões, quando diz:

“Alvaro de Campos é, em verdade, o mais simulado dos heterônimos de Fernando Pessoa e de entre todos o mais mistificadamente concebido”.

Pelo menos não concordamos com o “mistificadamente concebido”, eis que nos parece um pouco forte o termo mistificadamente, pois que o sincero inverídico mais do que nunca está presente em Alvaro de Campos, portanto muito pelo contrário, tal heterônimo consiste mais do que nunca na vivên-

(2) — Vida e Obra de Fernando Pessoa, p. 273.

cia marítima a criação de um tipo diferente a captar o outro lado por exemplo da calma de Ricardo Reis, para se atingir a violência, o paroxismo da sensação de Alvaro de Campos, portanto neste último o processo de despersonalização foi maior ainda.

E se quisermos lembrar as forças motrizes conforme expressão de Massaud Moisés no caso de **Mensagem** ou do Alvaro de Campos, tendo em vista o tema, a vivência marítima, temos que convir que no primeiro caso a força motriz é a vivência histórica, são os símbolos portugueses, os brasões, etc., e no caso do Alvaro de Campos a força motriz é a ânsia de traduzir as sensações em seu sentido mais amplo e profundo.

Em um caso e outro, Fernando Pessoa confirmou a expressão usada na **Mensagem**, “O homem e a hora são um são”, no sentido em que vivem a expressão histórica coletiva na **Mensagem**, através dos momentos históricos todos.

BIBLIOGRAFIA

- Fernando Pessoa — **Poesias de Álvaro de Campos**, Lisboa, Edições Ática, 1958.
- **Mensagem**, Lisboa, Edições Ática, 1959.
- **Odes de Ricardo Reis**, Lisboa, Edições Ática, 1959.
- **Poemas de Alberto Caeiro**, Lisboa, Edições Ática, 1958.
- **Poesias**, Lisboa, Edições Ática, 1958.
- **Páginas de Doutrina Estética**, Lisboa, Inquérito, s. d.
- João Gaspar Simões — **Vida e Obra de Fernando Pessoa**, Lisboa, Livraria Bertrand, s. d., 2 vols.
- Adolfo Casais Monteiro — **Estudos de Fernando Pessoa**, Rio de Janeiro, Livr. Agir Editôra, 1958.
- Massaud Moisés — **Fernando Pessoa: aspectos de sua problemática**. Instituto de Estudos Portugêses, São Paulo, 1958.